

TCI NAS REDES DIGITAIS: DISPOSITIVOS HÍBRIDOS NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA E DA ESPIRITUALIDADE**INSTRUMENTAL TRANSCOMMUNICATION IN DIGITAL NETWORKS: HYBRID DEVICES ON THE BORDERLINE OF SCIENCE AND SPIRITUALITY****TRANSCOMUNICACIÓN INSTRUMENTAL EN REDES DIGITALES: DISPOSITIVOS HÍBRIDOS EN LA FRONTERA ENTRE CIENCIA Y ESPIRITUALIDADE**

10.56238/revgeov17n2-135

José Valentim Martins Melo

Doutorando em Administração Pública

Instituição: Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP)

E-mail: timmmartins@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4661-1950>**Edwaldo Costa**

Pós-Doutor em Comunicação

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: edwaldo.costa@idp.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>**RESUMO**

Este artigo examina a Transcomunicação Instrumental (TCI) como fenômeno comunicacional híbrido na cultura digital contemporânea brasileira. Por meio de triangulação metodológica qualitativa, analisamos como a TCI, mediada por dispositivos eletrônicos e Inteligência Artificial Generativa (IAG), reconfigura discursos sobre luto, autoridade religiosa e legitimidade científica em plataformas digitais. Os resultados revelam a TCI como um sintoma da tecnocultura, onde crença e ceticismo disputam regimes de verdade por meio de práticas amadoras de cientificação. Argumentamos que esse campo emergente desafia paradigmas da comunicação pública da ciência, demandando novas abordagens epistemológicas.

Palavras-chave: Transcomunicação Instrumental. Tecnocultura. Inteligência Artificial. Disputas Discursivas. Comunicação Digital.

ABSTRACT

This article examines Instrumental Transcommunication (ITC) as a hybrid communicational phenomenon in contemporary Brazilian digital culture. Through qualitative methodological triangulation, we analyze how ITC, mediated by electronic devices and Generative Artificial Intelligence (GAI), reconfigures discourses on grief, religious authority, and scientific legitimacy on digital platforms. The results reveal ITC as a symptom of technoculture, where belief and skepticism dispute regimes of truth through amateur scientification practices. We argue that this emerging field challenges paradigms of public science communication, demanding new epistemological approaches.



Keywords: Instrumental Transcommunication. Technoculture. Artificial Intelligence. Discursive Disputes. Digital Communication.

RESUMEN

Este artículo examina la Transcomunicación Instrumental (TCI) como fenómeno comunicacional híbrido en la cultura digital brasileña contemporánea. Mediante triangulación metodológica cualitativa, analizamos cómo la TCI, mediada por dispositivos electrónicos e Inteligencia Artificial Generativa (IAG), reconfigura discursos sobre duelo, autoridad religiosa y legitimidad científica en plataformas digitales. Los resultados revelan la TCI como un síntoma de la tecnocultura, donde creencia y escepticismo disputan regímenes de verdad a través de prácticas amateurs de científicación. Argumentamos que este campo emergente desafía paradigmas de la comunicación pública de la ciencia, demandando nuevos enfoques epistemológicos.

Palabras clave: Transcomunicación Instrumental. Tecnocultura. Inteligencia Artificial. Disputas Discursivas. Comunicación Digital.



1 INTRODUÇÃO

Observa-se na cultura digital brasileira um florescimento de práticas que fundem tecnologia e espiritualidade. Na Transcomunicação Instrumental (TCI), rádios, gravadores e, atualmente, algoritmos de Inteligência Artificial Generativa (IAG), são mobilizados para supostamente captar vozes e imagens de entidades extrafísicas. O fenômeno da TCI não se resume a uma curiosidade marginal, mas se expande e tensiona as fronteiras entre ciência, crença e mediação técnica, especialmente em redes sociais digitais onde cientistas e amadores constroem legitimidade por meio de evidências rudimentares. Neste artigo, examinamos a TCI como dispositivo híbrido que ilustra disputas discursivas na comunicação pública da ciência, com base em análise empírica condensada de uma pesquisa mais ampla.¹

A relevância reside na capacidade da TCI de reencantar o mundo digital, em contraponto ao desencantamento weberiano, por meio de uma retórica de cientificação. Como se justifica, em tempos de IAG, recorrer a ruídos eletrônicos para hipoteticamente dialogar com o além? Essa questão orienta nossa análise, ancorada em Bourdieu, Foucault e Hall, para mapear como sentidos são negociados em plataformas como YouTube e Instagram.

2 TECNOCULTURA E TRANSCOMUNICAÇÃO DIGITAL

A tecnocultura, conforme Santaella, emerge na convergência entre técnicas e imaginários sociais, onde dispositivos não são neutros, mas carregados de expectativas simbólicas. Na TCI, aplicativos como Spirit Box ou Replika exemplificam essa hibridização: o glitch – artefato técnico – é reinterpretado como portal espiritual, ilustrando a gamificação do luto em era pós-humana. Essa dinâmica justifica-se pela crise de autoridade religiosa tradicional, que a TCI contorna ao invocar protocolos pseudocientíficos, como gravações em ruído branco.

Empiricamente, netnografias em grupos de Facebook e Reddit revelam praticantes que processam áudios e vídeos com IAG para "aperfeiçoar" transimagens, transformando, inclusive, o que aparenta ser apenas pareidolia, em prova coletiva. Tal prática, exemplificada em lives com milhões de visualizações no YouTube, demonstra como a TCI aparentemente está banalizando o paranormal, alinhando-se à lógica algorítmica de recomendação que amplifica crenças. Reflexionamos aqui que essa mediação pode até não provar o além, mas, com certeza, reconfigura o humano em rede.

3 REGIMES DE VERDADE E DISPUTAS DISCURSIVAS

Foucault nos alerta para regimes de verdade como produtos de disputas de poder-conhecimento, e na TCI observa-se uma guerrilha semiótica: “céticos” rotulam o fenômeno como

¹ “TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL NAS MÍDIAS DIGITAIS: ENTRE CRENÇA E CETICISMO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA”, dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, 2025, de José Valentim Martins Melo; Orientação: Prof. Dr. Edwaldo Costa.



pareidolia, enquanto “crentes” mobilizam espectrogramas como evidência irrefutável. Essa tensão exemplifica-se em podcasts como "Mundo Freak Confidencial", “Relatos do Além #23-Conversando com Fantasmas, com Sonia Rinaldi”, disponíveis no Spotify, ou “Transcomunicação Instrumental, com Luis Hu Rivas”, disponível no YouTube, onde relatos fenomenológicos desafiam o ceticismo da CSI (Committee for Skeptical Inquiry). A reflexão crítica reside na assimetria: a cientificidade oficial ignora a eficácia simbólica da TCI no manejo do luto.

Dados de questionário aplicado a 120 participantes (triangulados com análise de conteúdo de 500 postagens em TikTok e Instagram) indicam que 68% percebem a IAG como catalisadora de contatos autênticos, justificando uma performatividade discursiva que constrói legitimidade comunitária. Tal achado reflete a pós-verdade, onde o viral suplanta o verificável.

4 TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA E ANÁLISE EMPÍRICA

Adotamos abordagem qualitativa interdisciplinar, triangulando análise de discurso (Bardin), netnografia (Kozinets) e questionário semiestruturado, com aprovação ética via Plataforma Brasil. Esta amostra compreendeu 120 respondentes de comunidades TCI online e corpus de 2.000 interações em redes (2024-2025). Essa estratégia assegura robustez, permitindo mapear forças bourdieusianas no campo comunicacional.

Resultados sintetizados em tabela revelam padrões:

Tabela 1

Plataforma	Predomínio Discursivo	Exemplificação	% Legitimação Científica
Instagram	Consolo/Luto	Filtros IAG em fotos de entes falecidos	72%
YouTube	Disputa Epistêmica	Vídeos de EVP com análise espectral	65%
TikTok	Viralização Espiritual	Challenges de Spirit Box	58%

Fonte: Autores.

Essa matriz ilustra a hibridização: a TCI não é pseudociência isolada, mas laboratório para comunicação digital, onde algoritmos mediam o sagrado.[1]

5 IMPLICAÇÕES PARA A COMUNICAÇÃO DIGITAL

Hall nos ensina que identidades são negociadas em representações, e a TCI exemplifica isso ao posicionar praticantes como "cientistas cidadãos" contra elites acadêmicas e autoridades religiosas. Essa insurgência justifica-se pela crise de capitais simbólicos na divulgação científica, onde a IAG democratiza ferramentas, mas intensifica controvérsias – vide casos ilustrados de deepfakes espirituais. Reflexionamos que a comunicação pública da ciência deve incorporar esses fenômenos periféricos para evitar bolhas epistêmicas.[1]



Na esfera brasileira, coberturas em SBT e TV Globo (1988-2025) legitimam parcialmente a TCI, ampliando seu campo bourdieusiano. Futuramente, com Virtual Reality (VR) e Brain-Computer Interface (BCI), a TCI pode evoluir para imersões pós-morte, demandando políticas éticas na Comunicação Digital.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A TCI, portanto, emerge como fenômeno tecnoespiritual que desafia dicotomias ciência/crença, revelando a Comunicação Digital como arena de reencantamento. Seus achados – de práticas amadoras a disputas científicas virais – contribuem para estudos em tecnocultura e epistemologia midiática, propondo que a IAG não simula apenas imagens e vozes, mas reconfigura o humano.

Pesquisas futuras poderiam quantificar impactos no luto coletivo.

FINANCIAMENTO

Esta investigação não recebeu financiamento específico de agências públicas ou privadas. Contou apenas com recursos institucionais disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP).

CONFLITOS DE INTERESSE

Ambos os autores declaram não possuir conflitos de interesse que pudessem influenciar este trabalho. Nenhum autor recebeu financiamento específico para esta investigação, nem possui relações financeiras ou pessoais com partes interessadas em possíveis resultados.[3]

ASPECTOS ÉTICOS

Esta investigação foi realizada em conformidade com as diretrizes éticas estabelecidas pela legislação brasileira, incluindo Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS), em particular a Resolução 466/2012 e complementares como a 510/2016 para Ciências Humanas e Sociais, submetendo o projeto à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) via Plataforma Brasil, incluindo aprovação prévia do projeto pelo CEP institucional e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com garantia de anonimato e confidencialidade.



DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados qualitativos coligidos através de netnografia etnográfica e análise de interações em grupos de rede social não podem ser divulgados publicamente sem comprometer a privacidade e anonimato dos participantes, em conformidade com diretrizes éticas de investigação. Os dados quantitativos agregados e anônimos do questionário semiestruturado estarão disponíveis mediante pedido ao autor correspondente, sujeito a assinatura de acordo de confidencialidade. Podem ser disponibilizados através do e-mail: timmmartins@gmail.com ou jose.martins@economia.df.gov.br.



REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007. FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. KOZINETTS, R. Netnografia: fazendo pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2018. SANTAELLA, L. Cultivando a ecologia da comunicação. São Paulo: Paulus, 2020.

WISEMAN, R. Paranormalidade: por que vemos o que não existe. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

